

ENSINO SUPERIOR/PROGRAMA DE ENSINO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Já tomas conta e meia de engenheiros do ambiente

Os cento e cinquenta engenheiros do ambiente até hoje formados em Portugal estão todos colocados e cada vez surgem mais solicitações para os serviços desses técnicos.

No momento em que a Universidade Nova de Lisboa comemora o décimo aniversário do início desta licenciatura, o director do departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente, professor Santos Oliveira, pensa que o «numerus clausus», actualmente reduzido a 25, terá de ser aumentado para que a Universidade possa responder à crescente procura.

Entre os maiores empregadores figura a própria Secretaria de Estado do Ambiente, com mais de trinta engenheiros ao seu serviço, mas também as autarquias, em número crescente, contratam os serviços desses técnicos, que colaboram ainda com gabinetes de estudo e empresas privadas, com o Serviço Nacional de Parques e com as comissões coordenadoras regionais.

Mas o que é afinal um engenheiro do ambiente? Trata-se de alguém que recebe uma formação que lhe permite coordenar uma equipa formada por diversos especialistas de modo a, conjuntamente, fazerem a gestão equitativa dos recursos, com manutenção dos equilíbrios naturais e eventual correcção dos desequilíbrios anteriormente provocados.

Santos Oliveira sublinha que «toda a acção produtiva inevitavelmente gera desperdícios e, portanto, poluição, pois não há tecnologias totalmente limpas e ecologicamente inocuas».

«Ao engenheiro do ambiente resta assim uma apreciação crítica das alternativas possíveis, ponderando na balança os custos e os benefícios e prevenindo os impactos negativos que, a prazo, se poderão esperar».

«A formação de engenheiros do ambiente é pois a garantia de que dispomos de técnicos capazes de suster, nos limites do possível, a degradação do ambiente», diz aquele professor universitário.

Tendo começado apenas há dez anos, praticamente a partir do zero, o Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente da Universidade Nova, instalado no Monte da Caparia, já dispõe hoje dos meios de investigação que lhe permitem efectuar estudos altamente rentáveis, quer para Portugal, quer por encomenda de entidades estrangeiras.

Cursos dentro da realidade nacional

Foi assim que no último ano as receitas obtidas com esses estudos foram cinco vezes maiores do que a dotação orçamental daquele departamento.

Santos Oliveira destaca, entre outros, um estudo sobre o impacto ambiental das centrais nucleares espanholas sobre o Tejo e dois estudos encomendados por entidades alemãs sobre os efluentes das destilarias vinicas e os efluentes da indústria pecuária.

Neste último, sublinha, os técnicos portugueses desenvolveram uma tecnologia inteiramente nova, mesmo a nível europeu.

Uma vez que os problemas do ambiente são, muitas vezes, específicos de uma dada região, desde cedo se verificou a vantagem de fazer a formação não só dos engenheiros do ambiente mas ainda os cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento, dentro da realidade nacional, de preferência a procurar essa especialização no estrangeiro.

O primeiro doutorado em engenharia do ambiente que fez toda a sua formação em Portugal deverá sair já em 1988, o que dá a medida do crescimento que este ramo novo da ciência tem tido no País.

A entrada de Portugal para a CEE veio contribuir ainda mais para que a engenharia do ambiente esteja na ordem do dia, dadas as inúmeras directivas comunitárias que passaram a ser de cumprimento obrigatório.

«A muito curto prazo vamos necessitar de efectuar quatro a cinco milhões de análises anuais das águas e quando o princípio poluidor/pagador previsto na lei do ambiente estiver regulamentado as exigências de controlo de qualidade vão redobrar, cabendo aos engenheiros do ambiente estudar e avaliar os resultados dessas análises», frisa Santos Oliveira.

Igualmente por exigência decorrente de directivas da CEE, a partir de Julho próximo, qualquer grande empreendimento industrial, agrícola ou urbanístico necessita de um estudo prévio de impacto ambiental, sem o que não poderá ser autorizado.

João Andrade Santos (Lusa / «CMA»)



UNIVERSIDADE DE LISBOA

Dia

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31

Mercado de trabalho